



# Entre o *pathos* e a salvação: uma leitura do sentimento religioso em *Os contos do tio Joaquim*

**PALAVRAS-CHAVE:** religião, clero, vida, morte, transcendência.

**KEYWORDS:** religion, clergy, life, death, transcendence.

"O Deus de que falo não é só essa sublime necessidade do espírito que apenas contenta alguns filósofos; falo-te do Deus criador e remunerador, do Deus que lê no fundo das nossas consciências, que nos deu a vida que nos há de dar a morte e, além da morte, o prêmio ou o castigo."

MACHADO DE ASSIS

A afirmação de Machado de Assis coloca a tónica na temática que norteará este trabalho, ou seja, a religião. Não se tratará de abordar a religião ou a dimensão religiosa da obra de Machado de Assis. A literatura brasileira será substituída pela literatura portuguesa, assim como o lugar de Machado de Assis será ocupado por Rodrigo Paganino, escritor tantas vezes apontado como impulsionador da mudança que se operaria na literatura romântica. Na obra destes dois escritores assoma igualmente o sentimento religioso, cujas representações assumem, no entanto, as mais diversas configurações.

Se a crítica literária brasileira<sup>1</sup> já consagrou um estudo às referências religiosas e às suas relações com o contexto em que se inscreve a obra de Machado de Assis, o mesmo não aconteceu com a obra de Paganino. Este fenómeno deve-se decerto ao facto de este escritor ser imprudentemente remetido para um plano secundário no panorama literário nacional, ocupado por figuras proeminentes como sejam Eça de Queirós, Oliveira Martins, Antero de Quental ou Ramalho Ortigão, entre outros.

---

<sup>1</sup> Fernando Machado Brum (2009). *Literatura e Religião*. Porto Alegre.

De Rodrigo Paganino foram publicadas duas obras: uma coletânea de contos, *Os contos do tio Joaquim* (1861), e a uma obra de índole dramática, *Os dois irmãos* (1862). A doença, que atingiu o jovem médico e o vitimou muito cedo, confinou a sua produção literária a estas duas obras.

O meu propósito será deter-me sobre a primeira obra, procurando identificar e interpretar as referências religiosas que ali se manifestam, com vista a melhor compreender e delinear a visão que este escritor concebeu, através das personagens e das narrativas que criou. A interpretação do mundo em que viveu parece-me importante, uma vez que será inevitável observar-se um influxo do contexto que circunscreveu a sua criação ficcional. Por isso, julgo que compreender o contexto que envolve a produção literária do escritor facilitará a compreensão da obra.

Por outro lado, pretendo contribuir para um melhor conhecimento da obra de Rodrigo Paganino, através de uma proposta de leitura inovadora. O início do século XIX ficou marcado por mudanças consideráveis no universo da Religião Católica, que decorreram de alterações políticas, económicas e sociais.

A leitura de *Os contos do tio Joaquim* contribui, na minha perspetiva, para a conceção de uma representação da religião católica, a partir de um vasto conjunto de elementos. Neste âmbito, inscrevem-se as crenças religiosas, a conceção das personagens dos padres de aldeia, os rituais litúrgicos, as passagens bíblicas, as imagens e personagens da tradição cristã, bem como os símbolos consagrados desse pensamento religioso.

Interessará, desde já, indagar se a representação ficcional da religião na obra de Rodrigo Paganino fará dele um escritor moderno, que procura afastar-se de uma Igreja visada em muitos casos pela literatura nacional, ou se essa representação fará eco da mentalidade fechada à modernidade que caracterizava a instituição clerical.

Note-se que Paulo Pisco, no Prefácio da obra publicada pela Planeta Editora, assegura que os contos, que integram esta obra, “Constituem um retrato impressionante da forma como a sociedade, a família e a religião influenciavam os comportamentos e os costumes no início da segunda metade do século XIX, sobretudo no meio rural, onde mais facilmente se pode encontrar a origem e identidade de um povo” (Pisco, 2003: 8).

Esta afirmação corrobora a hipótese de que a obra de Paganino representa um contributo fundamental para um conhecimento do universo religioso que envolve a produção de *Os contos do tio Joaquim*.

A obra de Paganino inclui doze contos, sendo o primeiro e o último dedicados à personagem “tio Joaquim”, a quem é atribuído o papel central – o de contador de histórias – associado à importância da tradição oral na transmissão de valores intemporais e universais a que subjazem naturalmente preceitos moralizantes.

A leitura da obra de Paganino corrobora a ideia de que desde muito cedo, as crianças são educadas no seio da religião cristã, desempenhando os rituais da missa, da oração, um papel preponderante.

No conto “Fruto proibido”, as personagens principais, na primavera da vida, pronunciam as primeiras orações juntas, treinam as rezas que a mãe lhes ensinara. Era comum verem-nos “de joelhos e mãozinhas erguidas para o céu”, orando (Paganino, 2003: 76).

Já no conto “Como se ganha uma demanda”, esta educação religiosa transparece no discurso das crianças, Isabel e José, que evocam figuras sagradas no diálogo que mantêm com Joaquim. A preocupação pela doença do pai faz Isabel dirigir uma prece a “Nossa Senhora” (*ibid.*: 133). José justifica a escolha do nome Isabel com o facto de ela ter nascido no dia em que se celebrava o nascimento de Santa Isabel (*ibid.*: 135). O leitor compreenderá que esta fé das crianças depende da educação que receberam dos progenitores, sendo inclusivamente a casa um reflexo destas crenças religiosas.

Desde muito cedo, as crianças assistem às prédicas do prior, como se constata no conto “O sexto mandamento” (“A seus pés, sentadas no chão, em rancho, as criancinhas da terra [...]”) (*ibid.*: 150).

O tio Joaquim do conto “História do narrador” foi criado desde muito cedo no convívio com os frades e estava, como o próprio afirma, “destinado para frade” (*ibid.*: 193). Vê, pois, com bons olhos esta decisão, até por considerar “que viveria contente, naquele sossego do convento” (*ibid.*: 194). A mãe do narrador interpreta aquela “inclinação pueril” como uma prova da “vocaçã” do filho (*ibid.*: 194)

Curiosamente nem todas as crianças da obra de Paganino crescem na fé e crença na religião católica. Tome-se como exemplo a menina do conto “O romance de um céptico de aldeia”. É revelador que esta menina não tenha nome, talvez por não ser batizada aos olhos da Igreja. Esta criança inadvertidamente entra numa igreja, atraída pela harmonia de uma música. A melodia que a atrai é o prenúncio da revelação e manifestação divina a que assistirá de seguida. Através dessa harmonia sonora dissipa-se o ser, na sua dimensão somática, para se integrar no espaço cósmico. Esta criança está atenta às pulsações do universo, da transcendência<sup>2</sup>.

A criança, fascinada pela atitude dos cristãos reunidos no templo sagrado, descobre por intermédio de uma mulher os “donos” daquela casa, “pai e mãe dos homens e do céu” (*ibid.*: 32). A identificação que a criança faz com os seus pais intensifica a harmonia e a união que parecem envolver todos os intervenientes neste ritual litúrgico ainda desconhecido para a menina.

Depreende-se que a educação católica é, por norma, veiculada na esfera familiar, sob a égide da instituição eclesiástica. Os filhos cumprem fervorosa e escrupulosamente os rituais em que são iniciados pelos progenitores.

<sup>2</sup> É pertinente ler a secção intitulada “A metáfora da música e do canto”, que integra a obra de Rosa Maria Goulart, *Romance Lírico – O Percurso de Vergílio Ferreira*.

Na obra de Rodrigo Paganino radica a conceção da personagem “pároco da aldeia”, como já demonstrei noutra ocasião<sup>3</sup>. Importa, precisamente, trazer à colação as passagens da obra de Paganino que determinam a construção de um modelo de personagem, revitalizado mais tarde por escritores como Júlio Dinis ou Trindade Coelho.

Para o retrato que o escritor traça do pároco contribuem as mudanças que se fazem sentir no seio da própria ordem eclesiástica.

No conto “O romance de um céptico de aldeia”, o narrador destaca algumas das qualidades do prior da aldeia. A benignidade e a santidade constituem predicados genéricos deste guia espiritual. É curioso que a existência desta alma generosa depende da obra de Deus, como se ela não pudesse existir sem um investimento especial por parte da divindade (“Deus tem deitado ao mundo”) (*ibid.*: 22).

Este pároco é um modelo de virtude, que além de repreender as más condutas, dá o exemplo a ser tomado pelos fregueses. Neste caso, a reprimenda dirige-se àqueles que destroem sem dó nem piedade a reputação alheia, não atendendo às consequências da sua conduta. O certo é que este prior infunde respeito, o que desencadeia algum temor diante desta figura que inibe as injúrias e calúnias dos populares, “Porque era, de todos [...], o único que não fazia a sua perna à má-língua, nem deixava deitar-lhe muito os braços de fora, quando estava presente” (*ibid.*). O prior é até comparado ao “mestre armado de palmatória e com modos de dar a torto e a direito” (*ibid.*: 23). Sobressai na passagem a severidade com que o prior chama à razão os seus fregueses, não os poupando à dureza da descompostura. O conhecimento profundo da sua freguesia manifesta-se na passagem “Todos tinham os seus podrezitos, que o pároco sabia; [...]” (*ibid.*: 24). Acaso será a estratégia escolhida pelo pároco a mais adequada a um membro da Igreja? O prior não se coíbe de recorrer a este argumento, pouco apropriado a um ministro da Igreja, para obrigar os aldeões a arrepiarem caminho. A verdade é que os efeitos parecem ser pouco duradouros...

Mais adiante neste mesmo conto, a presença do padre cobre-se de um misticismo inexplicável, que confere àquele representante de Deus “um não sei quê, mais do céu do que da terra [...]” (*ibid.*: 26). Note-se a incapacidade de definir a aura que envolve o padre.

Este pároco está disponível a todo o momento para cumprir os seus deveres que passam pela entrega incondicional ao próximo. A caridade e o serviço ao próximo são as dimensões da religião cristã que sobressaem na prática do Evangelho por este sacerdote.

Neste mesmo conto, o padre defende um homem que é alvo da maledicência popular “Esse homem não é nenhum herege, eu sei quem é. Se não vai à igreja, talvez a igreja vá ter com ele” (*ibid.*: 25). Estabelece a ligação entre o homem e Deus, para instaurar um diálogo, através do arrependimento, da contrição, inaugurando o encontro com um Deus pacificador, compassivo, em que o amor cristão vence (“Eu te absolvo [...] e o Senhor de caridade

<sup>3</sup> Cf. Fernanda Vicente (2011:63-81). Neste artigo, procurei demonstrar que a figura dinisiana do “pároco” se construiu a partir dos modelos de Rodrigo Paganino e de Alexandre Herculano.

vos perdoa por minha boca”) (*ibid.*: 33). Este homem da Igreja surge como um inspirado (“O pároco observou aquele cenário e, como levado por ideia do céu, disse, abençoando a criança [...]”) (*ibid.*: 33). A consagração da santidade deste ser humano exemplar manifesta-se num sinal divino (“[...] o padre estava de costas para a janela; o vulto recortava-se-lhe sobre a luz, e os seus raios pareciam formar-lhe um resplendor de santo. – E se o era!”) (*ibid.*: 33).

Um outro conto de extrema importância para a conceção do pároco de aldeia é decerto “O sexto mandamento”. Este conto inicia-se de uma forma singular: “O prior, que os nossos leitores conhecem já, era um modelo de virtude e um exemplo vivo de caridade cristã” (*ibid.*: 147). Este reencarna a figura bíblica do pastor que com cuidados e desvelos zela pela sua grei, orientando-a nos caminhos sinuosos da vida, protegendo-a da “ignorância” e da “rudeza”.

Rodrigo Paganino não se limita a observar o exterior da religião católica, para ele é fundamental que essa prática exterior seja caldeada pelo sentimento e pelo coração. O pároco da aldeia deste escritor é sobretudo um exemplo de caridade cristã.

A falta de cultura do ministro da Igreja sobressai em “O sexto mandamento”. O narrador alude à distância que separa o prior da aldeia de “Vieira”, responsabilizando diretamente os governos pelo “tão-pouco cuidado” que dedicam à educação do clero e as leituras escassas e de qualidade duvidosa de que se ocupa o prior (*ibid.*: 147-8).

Contudo, não se vislumbra uma crítica a esta escassez de inteligência; pelo contrário, talvez seja a razão que justifique uma maior proximidade com o povo a quem se dispõe servir e a quem pretende transmitir uma mensagem de amor fraterno. Percebe-se que a crítica atinge antes os governos que não providenciam uma educação adequada ao clero. Assim vê-se o padre a recorrer às armas de que o povo faz vulgarmente uso, para com elas lutar contra o mal. Ora, o padre recorre à mentira, ao preconceito e ao absurdo para com eles combater a ignorância do próprio povo. Sendo faltas morais nunca atendíveis numa perspetiva cristã, justificavam-se sob o ponto de vista do prior que vê nelas uma forma de vencer outros males maiores (“Era falso o arrazoado, bem o sabiam alguns: mas deliciava e comovia o coração, encaminhava para o bem, posto que por transviado caminho. E o padre dizia-o tão de dentro, tão convencido, que chegava a parecer impossível que assim não fosse”) (*ibid.*: 149).

As leituras do prior cingem-se à Bíblia, aos Evangelhos, ao breviário e à *Nação*. Não se diria nem vasta, nem rica, nem instrutiva, mas em si mesma não limita a eficácia da ação deste pároco. Este padre não é ainda o padre liberal que se encontrará em Júlio Dinis, porquanto se dedica a apreender do jornal que lê a “doutrina tradicional e monárquico-absoluta em que fora criado” (*ibid.*: 148). As perturbações, as inquietações que poderiam agitar o espírito do prior afastam-se naturalmente dele, como o jornal caído e esquecido no chão. Se a inteligência não lhe permitia entrar em questões polémicas e tomar posições apoiadas na razão, o coração e o sentimento abundavam para atender aos males maiores e sempre com eficiência.

O pároco, dotado de simplicidade e tranquilidade, faz-se pequeno para mais facilmente comunicar com os seus “fregueses”, recorrendo à leitura da Bíblia, e “de acordo com a inteligência dos ouvintes explica-lhes o texto procurando comparações no campo, na lavoura, nos trabalhos que melhor conhecem, nos instrumentos com que mais de perto lidam” (*ibid.*: 151). Este prior abre com facilidade o caminho para que os seus fiéis acedam sem dificuldades ao que pretende ensinar-lhes, aos valores e princípios que pretende difundir. Por tudo isto, o pároco merece o respeito e a veneração de todos os que com ele convivem “Todos o escutam em religioso silêncio e a palavra sagrada recebe maior unção na boca do venerando velho” (*ibid.*: 160).

Em síntese, o pároco, na sua labuta diária, à sua maneira, combate a falta de educação, difundindo lições de moral, reunindo o povo à sua volta para escutar a Sagrada Escritura, e, deste modo, vive “tranquilo, crente na misericórdia do Senhor, confiado na sua infinita bondade” (*ibid.*: 152).

Estes padres correspondem ao que Vasco Fernandes denomina “padre moderno”, por serem

Testemunhas de uma vida noutra nível de realidades transcendentas a todas as pequenezas materiais, testemunhas de um Deus vivo entre nós, que por ele se perpetua nessa preciosa convivência, testemunhas do perdão e do amor que poderá lançar a paz e a harmonia entre os mundos ameaçadores e guerreiros que semeiam ansiedades, os Padres são, no fim de contas, testemunhas do mistério, ou melhor, de um mistério que os outros homens perscrutam com olhos inquiridores, mas ignorantes. (Fernandes, 1958:22)

Resta, pois, a imagem de um padre que é o reflexo de “um cristianismo redimido, espiritualizado, extremamente idealizado, que se não adequa à prática social instalada, codificada, simbolizada e instituída pela burguesia dos «ganha-pães»” (Ferreira, 1971:141).

Na narrativa que reporta “A história do narrador”, constrói-se uma representação do pároco em que os contornos sociais e ideológicos adquirem maior expressão. Na narrativa autodiegética, traça-se de imediato o quadro sociológico que determina o encaminhamento dos filhos nas diversas famílias: os primogénitos seguem a carreira dos pais; ao passo que aos segundos filhos estava reservada a carreira eclesiástica “Filipe, porque era o mais velho, devia ser lavrador como meu pai; eu, por ser o segundo, estava destinado para frade” (*ibid.*:193).

Zacarias de Oliveira, num estudo dedicado ao reitor de *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis, corrobora esta realidade coeva de Rodrigo Paganino:

No seu tempo, eram ainda vulgares os padres que se viram arremessados para o sacerdócio por uma solução tradicional, que procurava arrumar os filhos segundos, abrigo-os sob as telhas das igrejas. Ninguém os consultava nem tratava de ver se possuíam sequer qualidades humanas suficientes, porque nas divinas nem pensar. (Oliveira, 1960:108)

É pela voz do narrador autodiegético e de uma narração ulterior que se acede à representação do frade, inserido na esfera social. É evidente que os acontecimentos rememorados não coincidem com os eventos vividos, porque estes surgem filtrados pela memória do

narrador e influenciados pelas emoções daquele que os recorda à luz de muitos anos decorridos sobre eles.

Feita esta ressalva, o narrador veicula ao leitor a ideia que fazia da vida dos frades e dos próprios frades. De facto, via-os “gordos, satisfeitos, corados e risonhos” (*ibid.*: 194). O aspeto exterior indicia que a opção pela vida fradesca será vantajosa. Além disso, a amizade e convívio de que gozava no seio dos eclesiásticos desencadeava nele uma afeição verdadeira por aquela gente (“não me queria pois com outra gente”) (*ibid.*: 194).

Graças à descrição do seu percurso existencial, compreende-se melhor a vida clerical, as atividades que o clero desenvolve, o seu modo de vida, as suas funções, as ações que promove.

Aos dezoito anos o narrador de Rodrigo Paganino embrenha-se nos estudos encerrado num convento, “[...] arrefeciam-me os ardores dos dezoito anos [...]” (Paganino, 2003:195).

O afastamento voluntário do mundo para se entregar à vida contemplativa, ao recolhimento monástico, manifestos nas parcas e breves visitas aos respetivos familiares, evidenciam-se na seguinte passagem: “[...] nas raras vezes em que ia visitar os meus pouco me demorava em casa [...]” (Paganino, 2003:196). Além disso, os pares reconhecem em Joaquim uma condição modelar, como se constata em “Apontavam-me no convento como modelo [...]” (Paganino, 2003:195). Saliente-se ainda que a representação simbólica da vida conventual é perspectivada de forma distinta antes da aparição da mulher por quem se apaixona. O desmoronar desta representação simbólica da vida conventual ocorre após a chegada da figura feminina à sua vida, responsável em larga medida pelo novo “olhar” a que esse mundo é agora submetido.

O espaço, que antes configurava o mundo como vastidão apaziguadora, converte-se num lugar exíguo, em que predominam as ideias de prisão, de algo confinado, afastado da realidade.

A perceção que a personagem tem do espaço conventual altera-se. Inicialmente este espaço representava “apaziguamento”, “paz”, “tranquilidade”, “sagrado”<sup>4</sup>. À medida que o conceito que faz do mundo se vai desmoronando progressivamente pelas limitações evidentes que o seu olhar sobre o mundo lhe impunha, este espaço oferece interpretações diferentes.

Para este noviço, a clausura representa simbolicamente a morte antes de se saber o que é exatamente a vida, antes de se lhe conhecer a essência da existência. Esta ideia comunga da perspectiva de Montandon (1993:270) que atribui ao jovem padre um “aspect naïf, innocent”, que justifica o entusiasmo pela “religion parce qu’il ne connaît rien d’autre”.

O sacerdote perspectiva a sua vida monacal deste modo “Antes de saber o que era a vida, começava a agradar-me a morte, e, sem transição alguma, arrefeciam-me os ardores dos dezoito anos, com os frios daquelas sepulturas de vivos a que chamavam celas, claustros e conventos” (Paganino, 2003:195). Esta imagem de morte que concebe contrasta dramaticamente com as imagens de vida que envolvem o padre e que lhe entram pela janela (*ibid.*: 376). O padre

<sup>4</sup> Jean Onimus em *Essais sur l'Émerveillement* (1990:187-206) admite que a floresta é o espaço que faculta ao homem valores como “l’inquiétude”, “l’intimité” e “le sacré”.

tornar-se-á, por assim dizer, como bem traduzem as palavras de A. Montandon (1993:271), “l’image de la mort dans la vie”, depois da perturbação causada pela aparição da figura feminina.

É curiosa a associação que se faz entre esta representação da vida monástica e a ideia de que ela decorre do olhar do herói, responsável pela revelação de um mundo que existia, mas estava vedado ao seu conhecimento ou era indecifrável para o eclesiástico, uma vez que ele era incapaz de o apreender na sua totalidade, como acaba por sustentar Alonso (2001, 63), servindo-se das palavras de M. Guiomar, pois, “l’insolite est d’abord un changement du monde extérieur; ou plutôt ce qui a changé, ce n’est pas le monde, c’est la façon dont nous l’appréhendons” (Alonso, 2001:63).

A vida religiosa traduz-se numa imagística tumular, resultado de uma viagem, realizada *a posteriori*, na tentativa de compreender os eventos pela recuperação que deles faz a memória de quem narra. Ao longo da narrativa, surgem expressões indiciais que não passam despercebidas ao leitor e que lhe permitem antecipar leituras, conjecturar o desfecho desta história, tais como, “Oxalá tivesse eu ficado por uma vez naquela sepultura! Se não fossem as visitas a minha casa, talvez não tivesse experimentado na minha vida o que era o amor; mas também não teria comprado à custa de tormentos indizíveis essas raras e amarguradas horas de sentir apaixonado” (Paganino, 2003:196);

As palavras de Frei João da Soledade entoam uma crítica feroz a quem opta pelo convento enquanto solução para as frustrações impostas pela vida mundana, aqui entendida como aquela que se vive no mundo exterior ao espaço conventual, que não se coaduna com os princípios morais da carreira eclesiástica (“Para dores como a tua, para outras bem maiores ainda, se fizeram as solidões dos claustros e o gelo destes túmulos subterrâneos. Sepulta para aí a tua alma, enquanto não te sepultam o corpo, sob essas lajes que hoje calcas, e morre já que foste condenado a não viver”) (Paganino, 2003:200).

A afirmação de A. Montandon (1993:272) não deixa dúvidas a este respeito: “L’Église apparaît comme le lieu de l’obscurité et des ténèbres et ses représentants comme des profanateurs et des hommes inquiétants, pères vengeurs etc.”. Um acontecimento inesperado ou não tanto, tendo em conta a função indicial patente no texto, põe em causa as opções de vida do herói, minando-as de dúvidas, de interrogações, de sofrimento e de frustrações. O desmoronar da verdade do noviço deve-se ao aparecimento súbito de uma mulher, mais precisamente ao olhar que sobre ele lança uma mulher. No caso concreto é Margarida, a noiva do irmão, que surge repentinamente na vida do noviço e põe em causa tudo o que até ali assumia valor axiomático.

Até ao momento da contemplação da figura feminina, sugere-se a inexperiência e a inocência dos noviços no domínio sentimental, quando estão prestes a receber o sacramento da ordenação.

A transgressão, fruto de uma troca de olhares<sup>5</sup>, começa, imediatamente, a produzir efeitos devastadores. Sublinhe-se que a infração ocorre no domínio psicológico, convertendo um ser conformado num ser agónico.

<sup>5</sup> São necessários dois olhares cúmplices para que a transgressão se concretize, como deixa entrever Ana Alonso, relativamente à obra *La Morte Amoureuse*, de Thèophile Gautier, mas que se poderá transpor com relativa

De qualquer modo, a consciência da personagem prevaricadora reflete o peso da transgressão que se manifesta em sofrimento contido e/ou na criação de ilusões, única via que a imaginação encontra para superar a impossibilidade de concretização de paixões violentas, como a deste religioso (“Sacrilégio era o meu amor, sacrilégio duas vezes, porque era de padre e porque era por uma irmã”) (Paganino, 2003:198).

O sofrimento assola o noviço, deixando-o alienado (“Deixava-a como louco e ia, quantas vezes sozinho, de noite, correr por aqueles descampados, andar muito sem saber por onde, cansar o corpo para descansar o espírito, e para depois, cedendo à fadiga, poder cerrar os olhos por algumas horas e tentar um sono mais atribulado mesmo do que fora a própria vigília”) (*ibid.*: 198).

O eclesiástico, tomado de assalto pela confusão, pela penumbra que se apodera do seu espírito, pela hesitação entre um amor espiritual a Deus e aos seus preceitos e um amor físico, assiste no seu íntimo a um *agôn* instaurado pela consciência dividida entre o bem e o mal.

O herói desta narrativa acha-se impotente para pôr termo à transgressão voluntária e eficazmente, o que exige uma intervenção externa<sup>6</sup>. Frei João da Soledade encarrega-se de arranjar uma solução para o grave problema. Na sua qualidade de figura tutelar, paternal, representa a ordem moral e, como tal, orienta, guia o religioso para que possa vencer esta luta desigual que trava com uma força superior e que não consegue encaixar nos trilhos da razão – o amor.

Para se referir exclusivamente a Sérapion, uma personagem de Théophile Gautier, J. Gaudon (1981:28) utiliza uma expressão, “Un personnage autoritaire de type paternel”, que pode bem aplicar-se a Frei João da Soledade. De igual forma, é possível transferir sem reservas as palavras de A. Montandon (1993:268), reportando-se também a Sérapion, para a personagem Frei João: “Sérapion joue [...] le rôle d’un guide un peu «père fouettard»”. Frei João encarna a figura do “moraliste et prêcheur”, evocada pelo ensaísta.

Ocorre um fenómeno curioso, a perda de sentidos. Este fenómeno provoca um choque, cria uma rutura entre a personagem e o fluir dos eventos. Assim se põe fim à impossibilidade/incapacidade de o herói se autocontrolar/autodominar. Talvez a perda de sentidos fosse imprescindível para marcar a insustentabilidade da ilusão que, efetivamente, começava a ocupar o lugar da realidade para as personagens: “Pareceu-me tudo um pesadelo, persuadi-me que acordaria breve de tão cruel ilusão. Vi, ouvi, falei, dirigiram-me perguntas, tornei respostas, e não soube nem sei ainda o que vi, o que ouvi, o que me perguntaram e como respondi. Dizem que pessoas há que dormindo andam e falam, assim devia ser o estado em que estive todo o dia” (Paganino, 2003:199-200).

---

facilidade para este conto (2001:71): “Ce troisième regard détruit le mouvement transgressif que les yeux de Romuald et d’Octavien avaient mis en œuvre, suivant l’élan de l’œil séducteur de Clarimonde et d’Arria”.

<sup>6</sup> Ana Alonso (2001:71) chama-lhe “o terceiro olhar”, “une autorité garante du maintien de l’ordre, image des forces réactionnaires au pouvoir, qui intervient avec violence”.

A estratégia escolhida pelo herói para lograr escapar à tentação é a fuga e reclusão no convento. Joaquim profundamente angustiado por não poder assumir diante de Margarida aquele que sabe ser o amor não correspondido que o desola, procura espaços afastados, solitários, dominados pela escuridão que melhor se identificam com o seu estado emotivo. O devaneio, a loucura, o choro apoderam-se do narrador e fluem nesses espaços, mitigando a dor, reconfortando tanto quanto possível o ser devastado por sentimentos que não pode extravasar, que devem permanecer incógnitos para todos os que estão à sua volta. A “vida errante” (Paganino, 2003:208), sem espaço nem tempo para reflexão, justificam as atrocidades cometidas pelo narrador.

As advertências da figura tutelar insistem justamente nesta ideia: “Torna impenetrável o teu túmulo, calafeta com o maior cuidado qualquer orifício por mais pequeno que seja, que dê para o exterior, e já que nada podemos ter com o mundo aparta-te dele de todo [...] Segui à risca o seu conselho” (*ibid.*: 201).

É curioso salientar que, através do discurso do tutor, se transmite a noção de que também ele se pode contar hipoteticamente entre o número dos que procuraram a instituição religiosa como refúgio por, num momento qualquer, terem sentido na sua própria vida as mazelas que o mundo exterior podia provocar. Existe um elo entre estas personagens – a opção pela fuga como única possibilidade de se protegerem de uma ameaça feminina que garantidamente colocaria em causa a sua orientação sacerdotal.

Ainda que o herói se esforce por ultrapassar o sofrimento e resistir à tentação, o fracasso espera-o no fim da linha.

Depois da sua viagem ao passado, a reconstrução da identidade do narrador torna-se possível, pela indagação lançada sobre os acontecimentos que tumultuaram a sua existência.

A história do tio Joaquim segue o seu rumo. Ao padre a vida reserva ainda algumas surpresas dolorosas. A guerra civil<sup>7</sup> obriga-o a pegar em armas para defender os seus irmãos espirituais. Associa-se a este um outro revés – contar os próprios pais entre o número das vítimas mortais. É, aliás, a morte dos pais que o incita à vingança e, para o efeito, forma uma guerrilha, que espalha nas redondezas o assassínio e a violência. Numa de muitas pugnas, levadas a cabo pela guerrilha, perde Frei João da Soledade e descobre o seu irmão, Filipe, morto. Assolado pelas dúvidas que não o isentam da culpa de ter matado o irmão, procura fugir sobretudo da consciência que o acusa, mas, por ironia do destino, bate à porta de uma

<sup>7</sup> Vive-se o tempo em que, segundo Amadeu Carvalho Homem, “a transferência da propriedade senhorial e monástica para as mãos do novo Estado liberal, sob a forma de «Próprios Nacionais», gera o insustentável paradoxo de acumular em mãos públicas o acervo de riqueza que os triunfantes princípios declaravam dever transitar para o património de titulares e privados. A venda dos bens nacionais em hasta pública satisfaz o duplo desiderato de adequar as realidades aos princípios e de amparar os novos poderes com a reserva do apoio identificável com os interesses da burguesia compradora” (Homem 2005).

Leia-se para um melhor entendimento da questão a secção referente à extinção das ordens religiosas e das vendas dos bens do clero da autoria de José Hermano Saraiva, incluída na *História Concisa de Portugal*.

casa, onde Margarida vive. A reação à pergunta que lhe dirige remete-o à condição de criminoso, por um lado, e, por outro, à de responsável pela loucura que acomete Margarida a partir de então.

Joaquim aceita o fardo pesado de cuidar da cunhada cuja voz, que clama reiteradamente pelo marido morto, se institui como eco acusatório da culpa que o devasta. A morte psicológica precede alguns meses o óbito, que não permite ainda assim o descanso do herói. Este pretende mergulhar no esquecimento por ação do trabalho, contudo não alcança o seu objetivo.

O narrador, ainda que “condenado fatalmente pela desgraça”, não retorna ao convento. O amor que conheceu marcou-o indelevelmente, a par das restantes experiências, e leva-o a fugir dos “pavorosos espectros”, que procura esquecer, mergulhado no “trabalho”. Poder-se-ia acrescentar que fez algo mais da vida que lhe restava ainda: entreteve e ensinou a gente do povo com as histórias, “cheias de verdade e de moral”, que contava ao anoitecer à lareira (Paganino, 2003:14).

A chave de ouro desta narrativa é justamente a moralidade que encerra. Deste conto de Paganino defluiu a ideia de que, por mais sofrimentos que a vida possa reservar ao homem, ele acabará por encontrar o descanso, a paz, num outro mundo, colocando ao serviço de outros o conhecimento que tem da realidade imediata.

A par desta ideia sobressai também a de que a construção da personagem do padre corresponde a uma cosmovisão muito peculiar, dominada pelos tons negros de um cristianismo “lacrimoso”, como afirma Cândido Beirante que assevera:

[...] neste “vale de lágrimas”, não há felicidade verdadeira. Esta só se obtém junto de Deus, além-túmulo, após uma vida de virtude e/ou de expiação resignada. [...] Na poesia, e na prosa também, aparece o ciclo do crime e do castigo, tendo como imagens prediletas: a morte, o juízo, a condenação ou a salvação. (Beirante, 1991:60)

Joaquim vive situações de conflito de diversa ordem, afetiva, familiar, religiosa. À semelhança do que acontecia com *Eurico* (1844), como assegura com toda a pertinência Amadeu Carvalho Homem, “A conflitualidade das situações resulta recorrentemente de tumultos íntimos, de contradições de alma que desvelam a impossibilidade de sintetizar os impulsos das afeições com os imperativos axiológicos” (Homem, 2005:20-21).

Contrariamente ao que se verifica com os contos previamente abordados, cuja representação do padre prima pela dimensão positiva, o conto “O guarda do cemitério” termina com uma afirmação singular que ecoa na mente do leitor de forma distinta, “[...] e a maior parte dos nossos padres, não sabem o que dizem” (*ibid.*: 122). Indaga-se o leitor sobre a razão de ser desta afirmação. Os padres aqui mencionados merecerão, ao que parece, a repreensão do narrador. Mas, afinal, que ligação existe entre as palavras de Manuel que defende a ideia de que a sua felicidade depende em parte dos vivos, mas também do perdão de um defunto, o marido de Marta que ele tentara matar? Talvez os padres desconheçam o teor da verdadeira felicidade. Porventura acusam-se os dogmas da Igreja de obstarem à verdadeira felicidade.

Aos olhos da Igreja esta união não existiria e a vida em comum dos dois seria encarada como pecado contra Deus, impedindo-os de alcançar a felicidade e a salvação.

O desabafo do narrador parece desvalorizar a posição da Igreja Católica relativamente a esta união fora do matrimónio, enaltecendo a felicidade reconstruída a partir da desgraça. É deste modo que o entendem as personagens envolvidas que “viram ambos naquele inesperado encontro ao pé de um cadáver, a vontade da Providência que os reuniu enfim depois de tantos azares” (*ibid.*: 122). Recorde-se que em Portugal as dissidências de opinião quanto a esta matéria eram uma realidade. Alexandre Herculano foi visado pelo catolicismo ultramontano por ter proposto alterações ao primeiro Código Civil português, no âmbito desta questão. A verdade é que “as suas opiniões favoráveis à inclusão do casamento civil ao lado do casamento religioso” foram bem acolhidas (Homem, 2005:22).

O cristianismo que perpassa este conto, conforme acontece com o da obra *Pároco de Aldeia*, de Alexandre Herculano, adquire contornos diferentes, na medida em que, como sustenta Harry Berenstein

[...] it was neither hierarchical, Papacy oriented, nor ecclesiastical. Christianity had liberated the working class from slavery and oppression, and could continue to do so. Herculano's Christianity [...], was not presented as an opiate of the masses, but as a catalyst of the masses, although many did not know him and considered him to be heretical and anti-clerical (Berenstein, 1983:153).

Compreende-se a importância que os diversos rituais (a missa, a oração, os sacramentos) ocupam como manifestações e práticas do sentimento religioso.

Na obra “O romance do céptico de aldeia”, alguns aldeões arvoram esses rituais como prova da religiosidade do católico. Curiosamente não é esta a interpretação que o prior faz dos rituais litúrgicos, designadamente do cumprimento do sacramento da Eucaristia (“Se não vai à igreja, talvez que a igreja vá ter com ele” (*ibid.*: 25).

A personagem visada por este comentário analisa o seu distanciamento da divindade. A influência negativa de algumas leituras nacionais e estrangeiras, “que pregavam a falta de religião e o desprezo pela divindade”, parece ter fomentado a descrença na casa paterna (*ibid.*: 27). Educado neste ambiente de ceticismo, o filho aceitou sem contestação as diretrizes paternas. Do mesmo modo procedeu este homem, educando de forma similar a sua prole.

Em criança é desprezado pelos seus pares que o temem, por o considerarem “o diabo pequeno”. Este desdém condena a criança a uma solidão que procura contrariar, em vão, recorrendo ora à crítica (“escarnecia-os por irem à igreja”), ora à violência (“dava-lhes pancada de cego”).

A solidão e a frieza apoderaram-se dele, até pelo facto de diversas situações terem corrido para o efeito, nomeadamente a perda da mãe. Esta morte não foi acompanhada dos rituais usuais: o freguês do senhor Inácio não acompanha a mãe à sepultura, não reza por ela na igreja, não derrama lágrimas ou esparge água benta sobre a cova. Por tudo isto, o castigo

pela descrença aparece amplificado (“[...] perdia eu muito mais do que os outros a quem semelhante desgraça acontece”) (*ibid.*: 29).

O moribundo reconhece que houve oportunidades para mudar de rumo, de orientação. A primeira surgiu quando Joana se apaixonou por ele e ele por ela; a segunda quando nasceu a sua filha. A descrença que o minava estendeu-se a ela também. Esta situação conduziu a mãe dela à morte. À semelhança do que acontecera com o passamento da mãe dele, também desta vez filha e genro não participaram nas exéquias.

O sofrimento, o remorso tomaram conta da vida deste homem. Sente-se responsável não só pela sua perdição como pela da mulher e da filha. O ceticismo, a busca de respostas, a ausência delas, fizeram-no viver uma ilusão (“Tenho-me suposto feliz”) (*ibid.*: 31).

Tudo levava a crer que para ele não havia salvação, porém, aguarda-o uma benesse no fim da caminhada. A revelação do mistério ocorre por ação da filha, que entretanto se demorara fora de casa (“Perguntei-lhe o que fizera, porque se demorara: e a sua resposta foi como a luz da madrugada rompendo em descampado para o viajante perdido”) (*ibid.*: 31).

O diálogo com a filha desencadeia profundas transformações num homem subjugado toda a vida pela dúvida. De repente, a harmonia do universo revela a existência de “Deus, criador de tudo” (*ibid.*: 31). O arrependimento pelo afastamento de Deus, pela cisão com a divindade, é a condição fundamental para que a ligação se restabeleça, sendo o prior o elo que a inaugura. O perdão consubstancia a união entre o ser humano e a divindade (“parecia um sinal mandado por Deus em prova de perdão”) (*ibid.*: 33).

O prior ministra *in extremis* o sacramento da Santa-Unção ao aldeão moribundo, bem como o do Casamento com a mulher com quem vivia e o Batismo da filha, fruto daquela união. O pároco da aldeia administra os diversos sacramentos, desenvolvendo assim as ações inerentes ao cargo que ocupa. A maior missão, a mais importante, deste servo do Senhor parece ser a dádiva do reconforto (“a misericórdia do Senhor é infinita, e se os meus socorros lhe puderem servir, aqui estou de corpo e alma, como é meu dever, para lhos ministrar”) (*ibid.*: 27). Não há impedimentos para que o padre conduza os seus fiéis ao caminho de Deus (“Para todo o pecado há remédio na igreja”) (*ibid.*: 27).

Ao longo da obra de Rodrigo Paganino ocorrem algumas expressões de âmbito religioso de índole popular. Constituem exortações aos santos, desabafo breve. Estas expressões populares são reveladoras de um sentimento e vivências religiosas que se traduzem por meio de um discurso peculiar e circunstanciado num espaço rural.

Assim acontece no conto “O romance de um céptico de aldeia”. O narrador ouve “tocar a Nosso-Pai” e dispõe-se a acompanhar o sacramento. Acaba por encontrar o homem que vira na loja do mestre Inácio pronto para “dar a alma a Deus” (*ibid.*: 26). O homem que narra ao padre o seu percurso existencial a certa altura referindo-se ao que sentiu, no momento em que a mãe falecera afirma “Deus o sabe”. A dor seria de tal ordem, mas encerrada e vivida

individualmente, mantida oculta aos olhos dos outros que a sua dimensão seria apenas do conhecimento da divindade.

Num outro momento, o narrador referindo-se a Maria, personagem do conto “Os retratos de família”, declara “lá tem vivido como Deus com os anjos”. Deste modo, frisa a felicidade da vida em comum com António, depois da aprovação do casamento pelo pai, José Alves.

No conto “A galinha da minha vizinha”, André e Madalena vivem de forma tão harmoniosa que se diz que “viviam tão sossegados como Deus com os Anjos” (*ibid.*: 94). Madalena, admirada pelas preocupações que são tão invulgares no marido, exclama “[...] valha-me a Senhora Madre de Deus, nunca pensei que te dessem cuidado essas coisas!” (*ibid.*: 96). A experiência vivida entretanto por André obriga-o a retirar uma conclusão a que subjaz uma lição de moral “[...] ninguém está contente com o que Deus lhe deu” (*ibid.*: 102). Esta insatisfação é causa de tribulações tais que o ser humano deve contentar-se com o que tem e não deve empregar esforços para aumentar o seu pecúlio.

No conto “A propósito da missa do dia”, o narrador, localizando os seus locutores no espaço do cemitério, menciona as cruzes de madeira e uma coroa de perpétuas “debaixo do terceiro cipreste” como elementos evocativos da morte, mas também de dimensão espiritual. Este espaço serve como mote para o convite que, de imediato, dirige aos circunstantes “Ajoelhem sobre a terra santa e rezem ao Senhor pelo pai e pela filha, que aí descansam juntos como o tinham estado em vida” (*ibid.*: 46).

Já no conto “Os domingos fora da terra”, a relação unida dos três irmãos resume-se à expressão “não se podiam separar nem à mão de Deus Padre” (*ibid.*: 51). Intensifica-se deste modo a harmonia que unia os irmãos.

Os mandamentos da lei de Deus, inscritos nas tábuas de Moisés, vão sendo evocados ao longo de *Os contos do tio Joaquim*, “Do que ficou dito constitui exemplo uma passagem do conto previamente trazido à colação, em que o narrador afirma “Depois da missa sobra um ror de horas, que é preciso matar sem quadra do temor de Deus, nem ofensa do próximo [...]” (*ibid.*: 51).

Outro mandamento encerra com tom moralizante o conto “Os retratos de família”, segundo o qual a personagem principal, António Tavares, norteou a sua vida, “Honrar pai e mãe”. Graças ao cumprimento deste mandamento, conseguiu redirecionar a sua conduta de modo a tornar-se num homem honesto e respeitável.

Manuel, personagem principal do conto “O guarda do cemitério”, enquanto está preso por ter atentado contra a vida do marido de Marta, sonha com uma voz que constantemente lhe lembra o mandamento que transgrediu “não matarás” (*ibid.*: 114). O remorso da personagem, traduzido neste discurso iterativo, torna-se mais penoso, mais difícil de suportar.

Se os mandamentos comandam sub-repticiamente a conduta dos homens, a Bíblia não desempenha um papel menor.

O padre de aldeia reúne o povo “para lhe[s] fazer alguma leitura da Bíblia e interpretar em seguida, a seu modo e como melhor lhe parecia, o texto que lhes lera” (*ibid.* 149). Ora, o padre estabelece a ligação entre o povo e a mensagem divina. Esta interpretação é facilitada através do recurso a situações comezinhas com que os aldeões convivem no seu dia a dia. O capítulo da Bíblia que o narrador recorda é o que se refere ao patriarca hebreu, José. Na perspectiva do narrador, a qualidade mais importante de José, a capacidade de resistir às investidas da mulher de Putifar, foi esquecida pelo padre que valorizou outras. Foi justamente aquele aspeto do patriarca que gerou a discussão entre os populares e que constituiu mote para uma nova narrativa do tio Joaquim.

A Bíblia volta a ser assunto de um outro conto, desta feita de “O Tomás dos passarinhos”. Esta personagem ouve com muita atenção e interpreta à letra os Evangelhos de S. Lucas e S. Mateus. Eis o que reteve Tomás do capítulo VI do Evangelho de S. Lucas:

Portanto vos digo, não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem do vosso corpo, que vestireis. Não é mais a alma, qua a comida: e o corpo mais que o vestido?

Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem sagram, nem fazem provimentos nos celeiros; e com tudo vosso Pai celestial as sustenta. Porventura não sois vós mais do que elas?

Já do capítulo VI do Evangelho segundo de S. Mateus registou que

E porque andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham, nem fiam.

Pois se ao feno do campo que hoje é, e amanhã é lançado ao forno, eus veste assim; quanto mais a vós homens de pouca fé!

Não vos aflijais pois, dizendo: que comeremos ou que beberemos, ou com que nos cobriremos?

Porque os gentios é que se cansam por estas coisas. Porquanto vosso pai sabe, que tendes necessidade de todas elas.

Buscai pois primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça: e todas estas coisas se vos acrescentarão.

E assim não andeis inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado, ao dia basta a sua própria aflição.

Tomás retém dos evangelhos a ideia de que a sua sobrevivência depende do “Senhor” (*ibid.*: 169). Por conseguinte, não precisará, à semelhança do que acontece com as plantas e os animais, de desenvolver esforços para subsistir e assim leva a sua vida, com “confiança em Deus” (*ibid.*: 168). Para o ajudar quando lhe faltasse a força, a divina Providência colocou, segundo crê, um anjo da guarda à sua disposição. Tomás segue o seu anjo da guarda, que se mantém à distância até ao momento da sua morte.

Uma vez mais se expressa a crença de que a felicidade se procura na vida terrena, mas não é nela que se alcança. É preciso esperar pela morte para se atingir a felicidade que em vão se procurou em vida.

Idêntica situação vivem Domingos e Joaquina, separados pelo pai do primeiro que o envia para a guerra, com a intenção de assim terminar aquele namoro. O filho acaba por morrer em combate e Joaquina tem o mesmo fim. “Acabou a sua cruz, e, em poucos meses, foi reunir-se ao Domingos, nessa outra terra onde os amantes vivem unidos eternamente, e onde os justos gozam da felicidade sem fim” (*ibid.*: 45).

Embora a união com Deus só seja possível depois da morte, há eventos que pretendem fortalecer essa ligação com o divino, enquanto o ser humano deambula sobre a terra.

As festividades religiosas aproximam o ser humano da divindade e, como tal, não são esquecidas, designadamente a do Corpo de Deus, com a procissão que a acompanha “Seis anos depois em dia de festa do Corpo de Deus, fui a Lisboa ver a procissão [...]” (*ibid.*: 53).

Nestas ocasiões festivas o sagrado e o profano interligam-se e o arraial de “Nossa Senhora do Rosário” é pretexto, no conto “Como se ganha uma demanda”, para que João Simões corte relações com Raimundo, originando um desentendimento que despertará mais tarde o sentimento de vingança, responsável por muitos males que atingirão a casa do irmão de Joaquim (*ibid.*: 140).

Os locais de culto, evocando o cenário das cantigas de amigo, promovem, por vezes, o despertar do amor, como acontece com Manuel, personagem principal do conto “O guarda do cemitério”, que conhece Marta, por quem se apaixona, na ocasião em que cumpre uma promessa na “Igreja da Nossa Senhora da Penha” (*ibid.*: 108).

A missa é um ritual a que comparecem crianças e adultos, filhas e pais “Quando iam ao Domingo à missa [...], o velho de cabeça branca [...]; ela alta, esbelta [...]” (*ibid.*: 62).

O sentimento religioso manifesta-se ainda através da presença de objetos sagrados, como sejam as imagens dos santos, que revelam a devoção de quem as possui.

As figuras dos santos aparecem na casa António e Maria, do conto “Os retratos de família”, à semelhança do que acontece noutros espaços. A santa que ocupa lugar de honra na casa do casal não é reconhecida pelo narrador “uma santa, que não sei ao certo qual era” (*ibid.*: 65). Note-se que o apego de António ao retrato do pai falecido é comparado à adoração das “imagens do Senhor dos Passos ou orações do Justo Juiz” (*ibid.*: 62). Nas horas de aflição é aos santos que se encomenda o ser humano. É o caso de Rosa que diante da pretensão do pai a que ela se case com o vizinho “encomendava-se mentalmente a todos os santos do seu calendário”. O pai acha até que Rosa deve “dar graças a Deus” pelo facto de o vizinho a querer para mulher (*ibid.*: 76).

A prece não visa unicamente solicitar o apoio divino para a mitigação do sofrimento (“[...] , Rosa, que abatida, e alheia ao mundo estava mais caída que sentada numa cadeira, com os olhos pregados numa imagem da Senhora das Dores, que tinha perto da cama [...]”) (*ibid.*: 81), assume-se também como ação de graças. Rosa, diante da possibilidade de morrer antes de ser obrigada a casar com o Sr. Januário, “do íntimo da alma elevou ao Criador uma prece de júbilo, em ação de graças” (*ibid.*: 77).

A história desta personagem, com quem se travou conhecimento em criança, em ambiente fervoroso de cumprimento dos rituais religiosos, requer uma atenção maior. A educação rígida, agrilhoadada aos preceitos religiosos, exigiu dela o maior sacrifício – o da sua vida. Rosa, apaixonada por Estêvão, é moralmente coagida a casar com o vizinho, pretendente ideal na perspetiva do pai. Se bem que ame Estêvão, Rosa é uma católica fervorosa que vive uma “revolução cruel” diante da imposição do pai. A situação que vive, em que “A religião, a crença, a educação, tudo lhe falava em favor do seu pai; em favor de Estêvão só o muito que o amava, mas não era o bastante”, coloca-a numa primeira fase diante de um dilema (*ibid.*: 80). O dilema é ultrapassado pelo constrangimento moral a que a personagem se submete.

Determinante para a sua decisão foi a imagem do castigo, da expiação a que se julgava condenada, “Amaldiçoada, via os tormentos do inferno, o penar da sua alma, a espada de fogo do arcanjo exterminador, a condenação eterna, e a memória da sua infância e os santos da sua devoção a sumirem-se-lhe para sempre” (*ibid.*: 81).

Esta jovem abnegada, sob a capa da obediência à moral cristã, consagra a sua felicidade à vontade do pai (“Fez-se cadáver, transformou-se em instrumento da vontade do seu pai, instrumento inerte, impassível, sem vida, sem pensamento próprio”) (*ibid.*: 81).

Trata-se pois de “um suicídio moral”, imposto pelos grilhões da religião católica que transforma o ser humano, deformando-lhe a mente e reduzindo-o ao niilismo.

Rosa casa-se com o marido escolhido pelo pai, em função dos bens que possui, e vive, por isso, consagrada a uma vida que não escolheu “cumprindo religiosamente os deveres de mãe e de esposa”.

Encontra ainda uma vez mais Estêvão que a acusa de falsidade. Esta acusação não a pode sofrer sem agravo. A inspiração divina ajuda-a a responder a esta afronta (“Elevou os olhos para o céu, como para se inspirar numa resolução suprema”) (*ibid.*: 88). A decisão de se entregar a Estêvão, apesar da condição de mãe e esposa, destrói as suas dúvidas e fá-lo entrever o altruísmo de que se reveste a sua ação (“e elevou no santuário de seu coração, purificado de quaisquer resquícios da natureza terrestre e material, um cântico divino de admiração”) (*ibid.*: 88).

Resta referir que para a personagem alcançar a salvação tem, muitas vezes, de resistir à tentação. Geralmente, no âmbito da espiritualidade, o demónio é o seu representante. Não se menciona muitas vezes esta figura, mas o certo é que aparece num ou noutro momento.

É o que acontece com o moribundo do conto “O romance de um céptico de aldeia”, que, quando ainda era criança, era apelidado pelos meninos da sua idade como “diabo pequeno”, em resultado da sua conduta afastada dos preceitos e rituais religiosos (*ibid.*: 28). A dúvida que assola este homem é comparada a “um demónio agachado em lugar santo” (*ibid.*: 31).

No conto “O fruto proibido”, Rosa, ao ouvir o desabafo de Estêvão que considera a hipótese de assassinar Januário ou suicidar-se, não tem dúvidas em classificá-la como “tentação do demónio” (*ibid.*: 69).

Luís, acolhido em casa de José Mateus, sofre também as provações do “demónio, que sempre as arma, e que parecia ter tomado o rapaz à sua conta, encarregou-se de entornar o caldo, e de deitar por terra aquelas felicidades todas” (*ibid.*: 155). Trata-se de Genoveva, a mulher de José Mateus, que decide seduzir Luís.

Por fim, as referências ao Gólgota e ao Getsémani, no conto “A história do narrador”, denunciam um conhecimento dos principais momentos da vida de Jesus Cristo e não será casualmente que ambos desempenharam um papel relevante no sacrifício realizado por Jesus para salvação do Homem, que culminará com a crucifixão. A simbologia destas referências enriquece-se com a junção de um outro elemento – a cruz, recorrente na obra de Rodrigo Paganino. Recorde-se que a tradição cristã entende a cruz como um símbolo de síntese, em que o Cristo, o Crucificado e o Salvador se unificam, como sustentam Chevalier e Gheerbrant (1982:245-251).

Rodrigo Paganino por ter vivido no século XIX, não poderia deixar de refletir na sua obra traços da sociedade em que se inseriu. A religião faz parte integrante desta sociedade e está presente na sua obra.

Através da sua leitura da obra *Os contos do tio Joaquim*, é possível conhecer melhor a classe do clero e saber que nessa época a opção pela vida eclesial não era determinada pela vocação. Por conseguinte, alguns, se não muitos, padres dificilmente chegariam a ser modelos de virtude; porém, havia aqueles que pela sua entrega ao outro e pela sua conduta moral, ainda que não estivessem isentos de defeitos, eram respeitados e venerados por todos. O conhecimento sobre a formação eclesial sai também enriquecida com a leitura da obra de Rodrigo Paganino.

A religiosidade assenta no exemplo, em fundamentos, em pressupostos veiculados não apenas pelos representantes do clero. A Sagrada Escritura é o veículo privilegiado dos princípios morais que a Igreja, enquanto instituição, procura ministrar aos fiéis.

Recorrentes na obra de Paganino são também as evocações dos mandamentos e dos sacramentos que atestam a espiritualidade das personagens destes contos.

O templo e a instituição – a Igreja – acolhem os católicos praticantes e os não praticantes, como demonstra a obra de Paganino, de onde emana reiteradamente a ideia do perdão e da salvação, esta última, sobretudo, alcançada numa existência metafísica.

Casos há em que o escritor aponta as consequências negativas de uma educação religiosa rígida, que ora exige o sacrifício, como acontece com Rosa, ora propicia a criação de uma vida ilusória, como se verifica no caso de Tomás dos passarinhos.

A dimensão religiosa que caracteriza o mundo de Rodrigo Paganino, representado ficcionalmente na sua obra, extravasa ainda nas múltiplas expressões de feição popular que povoam os seus textos.

Rodrigo Paganino não se limitou a representar idilicamente a religião na sua obra, antes se atreveu, ainda que timidamente, a introduzir-lhe rasgos da realidade social que conhecia, quer pela crítica ténue aos governos na formação que colocam ao dispor do clero, quer pela

imputação de responsabilidades a um sistema que integra no clero homens sem vocação em consequência da imposição de convenções sociais. O cunho popular e a descrição de situações do cotidiano rural que traduzem a vivência espiritual do povo tornam Rodrigo Paganino um escritor inovador, abrindo caminho a uma literatura de índole distinta.

## Bibliografia

### Ativa

PAGANINO, Rodrigo (2003). *Os contos do tio Joaquim*. Lisboa: Planeta Editora.

### Passiva

- ALONSO, Ana. (2001). “Gautier et la perception anormale: regard sur *La Morte amoureuse* et *Arria Marcella*”. *Queste. Études de langue et littérature françaises* 9, 61-78.
- BEIRANTE, Cândido (1991). “Novelística”. In *Alexandre Herculano: As faces do poliedro*. Lisboa: Veja, 49-79.
- BERENSTEIN, Harry (1983). *Alexandre Herculano (1810-1877) – Portugal’s Prime Historian And Historical Novelist*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Cultural português.
- BRUM, Fernanda Machado (2009). *Literatura e Religião*. Brasil: Porto Alegre.
- BUESCU, Helena Carvalhão (1997). “Paganino (Júnior), Rodrigo (Botelho da Fonseca)”. In Buescu, Helena Carvalhão (coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 396-399.
- CHEVALIER, Jean e Gheerbrant, Alain (1982). *Dicionário dos Símbolos*. Trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Editorial Teorema.
- FERNANDES, Vasco (1958). “Metamorfoses de Eurico – o Padre dos Românticos e o Padre dos Modernos”. *Brotéria* 66,12-25.
- GAUDON, J. (1981). “Préface”. In *La Morte Amoureuse, Avatar et autres récits fantastiques*. Paris: Éditions Gallimard.
- GOULART, Rosa Maria (1990). *Romance Lírico – o percurso de Vergílio Ferreira*. Lisboa: Bertrand Editora.
- GUIOMAR, M. (1957). “De l’insolite”. *Revue d’Esthétique*, X.
- HOMEM, Amadeu Carvalho (2005). “O Romantismo em Portugal”. In *Do Romantismo ao Realismo – Temas de Cultura Portuguesa (Século XIX)*. Maia: Fundação Eng. António de Almeida, 7-22.
- (2005). “O Romantismo em Portugal nos Meados do Século XIX”. In *Do Romantismo ao Realismo – Temas de Cultura Portuguesa (Século XIX)*. Maia: Fundação Eng. António de Almeida, 23-28.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1996). “Paganino, Júnior, Rodrigo Botelho da Fonseca”. In *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 360-361.
- MONTANDON, A. (1993). “Gautier et Balzac: à propos de *La morte amoureuse*”. *Bulletin de la Société Théophile Gautier* 15, 263-286.
- OLIVEIRA, Zacarias de (1960). “Júlio Dinis - O Padre Sentimental”. In *O Padre no Romance Português*. Lisboa: União Gráfica, 99-109.
- ONIMUS, Jean. (1990). *Essais sur l’Émerveillement*. Paris: PUF, 187-206.
- PISCO, Paulo (2003). “Prefácio”. In Paganino, Rodrigo. *Os contos do tio Joaquim*. Lisboa: Planeta Editora.
- VICENTE, Fernanda Monteiro (2011). “Dois olhares sobre a mesma realidade: a religião na produção narrativa dinisiana”. *Teografias* 1, 63-81.

.....

## RESUMO

Na obra *Os contos do tio Joaquim*, de Rodrigo Paganino o sentimento religioso determina a existência do ser humano desde tenra idade até ao momento da sua morte. Neste percurso sucedem-se as perdas, os reencontros e a retoma de diálogos, tantas vezes quebrados, entre a humanidade e a divindade. A religião presentifica-se na obra de Paganino nas crenças religiosas, nos princípios e valores da religião cristã, na conceção da personagem do padre de aldeia, nos rituais litúrgicos, nas passagens bíblicas, nas imagens e personagens da tradição cristã, bem como nos símbolos do pensamento religioso. O discurso religioso de cariz popular desempenha também um papel importante nesta questão.

## ABSTRACT

In Rodrigo Paganino's work, *Os contos do tio Joaquim*, the religious sentiment determines the existence of the human being from an early age to the time of their death. In this course there is a succession of losses, reunions, and the resumption of dialogues, so often interrupted between humanity and divinity. The religion makes itself present in Paganino's work through religious beliefs, Christian principles and values, the conception of the village priest character, liturgical rituals, biblical passages, images and characters from the Christian tradition, as well as through the symbols of religious thought. The religious discourse of popular nature also plays an important role in this matter.